

Estertor dos Critérios

Espaço 1999

Vejo, na RTP Memória, Espaço 1999. Não sei porquê. A propósito da descoberta de um planeta onde se é imortal, onde a morte não tem lugar e contingência, onde se come e faz amor com o Diabo a toda a hora sem limites nem ser punido por isso. É a eterna luta entre Morte e Vida, Bem e Mal. Nietzsche terá ido mais além, mesmo não tenho escrito tão bem *Filosofia Moral* quanto um sociólogo político que o seguiu, nem decerto Viktor Frankl, ou seja, a filosofia de Nietzsche é, na sua base e desenvolvimento, uma *Antropologia Filosófica*, além de Choza, Leonor Xavier, Nuno Ferro ou António Caeiro e dos já bem conhecidos Viktor Frankl e Carlos Morujão. É assim que se analisam os sistemas, os mitemas, as efabulações e a falsa prosa, não parar, beber água um pouquinho depois da satisfação da sede, só para sobreviver e contar a vida, como um actor, que não sabe que é também, desligadas as câmaras, um acto social, sendo que há prémios para todos, inclusive que optaram por desistir para permanecer vivos. Portanto, a ilusão da vitória é mais do que evidente, a história traça-se no rastro dela, o que gera considerações diversas, mais espontâneas e emocionais do que se pode ver na obra de Hannah Arendt.

Agora, a cor roxa e a vulnerabilidade do Vencedor, ou seja, em nem sempre vence em nome próprio, como os negros (Jesse Owen) nos Jogos Olímpicos de 45, quando Hitler estava no poder. Acontece o mesmo com Cristiano Ronaldo, quando vence, ninguém se lembrar,

tomarão uns copos, irão de um lado para o outro e isso fazendo ou não sentido, à revelia muitas vezes da escola, porque ambos a adoram, estudar, ter dinheiro para o fazer, cultivar a erudição e a fatalidade da antropologia social, como Baudrillard em *As Estratégias Fatais*.

Saturamos a terra com plástico e demais porcarias que produzimos, carne estragada, sobre dos nosso repastos imperiais e acabamos a dormir quando há bolacha americana, junto ao mar, quando se perdeu todo o romantismo da coisas, a espera, a falta que gera a fome e o aguardar a nossa vez, vamos para qualquer objectivo pressa, isso está nos genes, algo de bom irá acontecer...

Por isso, o cálculo infinitesimal da filosofia diz respeito não há puro teoria, *maquina speculatrix*, mas à concreção (João Nabais e os mais diversos antropólogos, especialmente da escola americana). Mas, será para sempre a filosofia um camo teórico por explorar, à medida que, na praia, nos foge como areia entre os dedos? A filosofia não é puramente teórica, nem se quer a mais clássica das clássicas, há, de um lado e do outro das barricadas (misteriosas), canais de comunicação, como em Venez ou na Holanda e mesmo a filosofia, em termos da sua metodologia é puramente teórica...mas a propósito do actor, o actor social, por isso podemos fazer convir que o trabalho do actor é, em vários sentidos, trabalho de actor social, mutuamente exclusivo ou comungando da condição humana em termos de Marcuse ou Mounnier...

Por isso, sentia no início do contato com a Filosofia, uma sensação de conforto, incómodo, fosse por estar fora de uma certa bolha académica, na rua, fosse por não ter grandes ferramentas teórica, aquelas que a antropologia, nomeadamente a social, não tem e aí vai o

actor (social, de Jünger), desdobrando-se nas mais diversas entidades e identidades, seja porque a identidade não seja qualquer coisa de imutável, aprendemos isso bastante cedo, seja porque também o sujeito vai mudando, em termos de vontade e identidade individual, tornando-se uma entidade bastante diferente desde o início...

Victor Mota